

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 10/04/2024.

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

THAINÁ ROSA HELENA GARCIA FERREIRA

Diários de Carolina Maria de Jesus : análise dialógica
da construção de um falar de si



ARARAQUARA – S.P.
2023

THAINÁ ROSA HELENA GARCIA FERREIRA

Diários de Carolina Maria de Jesus: análise dialógica da construção de um falar de si

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa De Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan.

ARARAQUARA – S.P.

2023

F383d

Ferreira, Thainá Rosa Helena Garcia

Diários de Carolina Maria de Jesus : : análise dialógica da construção de um falar de si / Thainá Rosa Helena Garcia Ferreira. -- Araraquara, 2023

130 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Renata Maria Facuri Coelho Marchezan.

1. Análise dialógica do falar de si. 2. Falar de si. 3. Carolina Maria de Jesus. 4. Diários de Carolina Maria de Jesus. 5. Gêneros do discurso. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THAINÁ ROSA HELENA GARCIA FERREIRA

Diários de Carolina Maria de Jesus: análise dialógica da construção de um falar de si

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan.

Data da defesa: 10/10/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan
Departamento de Linguística / UNESP Campus Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Marina Celia Mendonça
Departamento de Linguística Literatura e Letras Clássicas /
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Lúcia Furquim Campos Toscano
Departamento de Linguística / Uni-FACEF Centro Universitário
Municipal de Franca.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho ao Lucas, meu companheiro de todas as horas, aos meus familiares, amigos e alunos pelo incentivo e por acreditarem em mim e que apesar de todas as adversidades sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida e, a despeito das dificuldades e adversidades, pelas oportunidades de estudo que tive, principalmente, por muito esforço, em poder cursar a Pós-Graduação em uma universidade pública e de excelência.

À minha orientadora Renata, por todo conhecimento e sabedoria partilhados, por cada leitura cuidadosa da dissertação, pelos conselhos e orientações, pela compreensão e paciência diante de situações pessoais minhas. Muito obrigada!

Ao meu noivo Lucas, que acompanhou de perto todo processo da pesquisa, por estar sempre ao meu lado, por me acolher e compreender nos momentos mais difíceis, por apoiar todas as minhas decisões e por me apoiar emocional e financeiramente para que eu pudesse estudar.

Aos meus avós Regina e Olívio, que sempre cuidaram de mim, por, mesmo nas diferentes dificuldades da vida, fazerem de tudo para que eu pudesse estudar, crescer, e por sempre me incentivarem a nunca desistir dos meus sonhos.

À minha mãe por todo apoio, carinho, paciência, durante esse percurso de pesquisa.

Aos meus familiares maternos, especialmente tios, tias, e primas, por serem a minha base de apoio e serem a minha força, incentivando a lutar pelos meus sonhos.

À Tia Luciene, por cada conversa, pelos conselhos, pelo amor e amizade, e por sempre me encorajar.

Aos meus sogros Antônio Carlos e Sandra, pelo carinho e amor que sempre me trataram, inclusive durante o período da pesquisa, me apoiando, compreendendo, incentivando, aconselhando.

Ao meu avô paterno, José Adolfo (in-memorian), que sentiria muito orgulho dessa conquista.

Aos meus bisavós, Alberto e Oscarina Helena (in-memorian), que se orgulhariam de mim nesse momento e sempre expressavam a felicidade de me ver estudando e lutando por meus sonhos.

À minha amiga Maria Luiza (Malu), por me acompanhar em grande parte da pesquisa, pelas conversas, conselhos, por me ouvir nos momentos difíceis e encorajar na vida acadêmica.

À Edsel, pelo apoio e carinho durante o percurso da pesquisa, principalmente o auxílio no trabalho.

À Heliane, que além de aluna, é uma grande amiga que a pandemia me presenteou. Diante de todas as dificuldades que enfrentávamos pela pandemia da covid-19, nossas conversas durante as aulas, eu aqui no Brasil e ela no Reino Unido, especificamente na cidade de Chichester, me motivaram a continuar na pesquisa, pois sua curiosidade em conhecer cada vez mais sobre Carolina Maria de Jesus foi um elemento essencial para fortalecer, em mim, a vontade de aprofundar a pesquisa.

À Gabriela, colega da pós-graduação, por compartilhar estudos e experiências através do olhar bakhtiniano.

À instituição UNESP – FCLar, pelo ensino público de excelência, principalmente pela oportunidade de desenvolver este trabalho na pós-graduação e de ter contato com tantas mentes brilhantes.

À professora Ana Lúcia, minha orientadora da graduação, por me acompanhar durante todo o processo de pesquisa, pelo conhecimento partilhado durante a minha formação, pelas aulas encantadoras sobre Bakhtin e o Círculo, por fazer parte da banca de qualificação e defesa, pela leitura cuidadosa e contribuições grandiosas que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À instituição Uni-FACEF, onde cursei a minha graduação em Letras, por me mostrar muitas oportunidades no mundo acadêmico.

À escola Colégio Renascer, coordenadora e colegas de trabalho, que, de certa forma, participaram de todo o processo da dissertação, incentivando e torcendo por esta pesquisa.

Aos colegas do grupo SLOVO e da FCLar, pelos conhecimentos partilhados, que enriqueceram ainda mais essa pesquisa.

A todos meus professores, do ensino básico até a pós-graduação, que contribuíram muito para a minha formação, que marcaram a minha vida, fazendo com que eu me apaixonasse ainda mais pela leitura e estudo, e acima de tudo, por serem exemplos que quero sempre seguir.

À Carolina Maria de Jesus (in-memorian), que através de sua escrita e dos livros publicados, com sua linguagem única e encantadora, exteriorizou uma realidade diferente, e sua visão sobre o mundo e a sociedade, tecendo um olhar crítico e ácido a respeito das segregações sociais e espaciais.

“[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”

Carolina Maria de Jesus (2020, p.35)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, de Carolina Maria de Jesus, para examinar como o eu que assume a autoria do enunciado fala de si e para observar as marcas do gênero que constituem as obras, decorrentes da linguagem intimista atrelada ao gênero diário. Outrossim, também se buscou, ainda que secundariamente, analisar os impactos editoriais, nas obras, promovidos pelo jornalista Audálio Dantas, em especial no primeiro livro citado, comparando com a segunda obra, na qual a autora gozou de maior liberdade editorial. Para alcançar os objetivos delineados, adotaram-se, como fundamentos teóricos, as contribuições de Bakhtin e de seu Círculo acerca dos conceitos de gêneros do discurso, estrutura composicional, conteúdo temático, estilo, enunciado, diálogo, tendo se revelado possível observar, com esteio em tais elementos, a escrita de Carolina, a sua forma de expressar, seu olhar crítico, suas escolhas lexicais. Relativamente aos estudos dos gêneros de discurso, foi possível delimitar os elementos circunscritos ao gênero diário. Além disso, também se visou delinear especificidades que tornaram as obras e seu estilo únicos, com uma escrita crítica e ácida, denunciando preconceitos raciais e sociais sofridos. O desenvolvimento dos objetivos propostos pressupôs a seleção de trechos de ambas as obras, incluindo a realização de aposição de *fac-símiles* e análise comparativa entre trechos originais e aqueles objetos de publicação. Constatou-se, assim, que por meio de uma escrita simples, mas com um alto nível de complexidade e espírito crítico, somando-se às escolhas lexicais, a autora instituiu um estilo próprio de expressão. Primeiramente, ela escreve sobre si para si (observando a obra *Quarto de despejo*, especificamente os escritos do ano de 1955, momento em que a autora ainda não tinha o contato com o jornalista) e, em sequência, escreve de si para o outro com a intenção de publicar seus escritos e mostrar a todos a sua realidade de vida, constatação que se denota de escritos em *Quarto de Despejo* a partir do ano de 1958, e da obra *Casa de Alvenaria*. Analisou-se, destarte, como foi construída a escrita de Carolina, primeiro com a influência de Audálio, que realizava interferências editoriais, e, posteriormente, com uma liberdade maior, usando uma escrita pesada para fazer as denúncias sociais. Encontrou-se, na análise, a heteroglossia, referida por Bakhtin e o Círculo, que evidencia a coexistência de várias vozes sociais em um discurso. Com a pesquisa, espera-se ter contribuído para os estudos acerca dos gêneros discursivos e dos estudos dialógicos, uma vez que se buscou compreender como a autora desenvolveu o falar de si para si e falar de si para o outro.

Palavras-chave: gêneros do discurso; escrita de si; linguagem intimista; diário; estilo; enunciado; diálogo.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue analizar las obras *Quarto de Despejo: Diario de una Favelada* y *Casa de Alvenaria: Diario de una Ex-Favelada*, de Carolina María de Jesús, para examinar cómo el yo que asume la autoría del relato habla de y observa las marcas del género que constituyen las obras, resultantes del lenguaje íntimo vinculado al género cotidiano. Además, también buscamos, aunque de manera secundaria, analizar los impactos editoriales, en las obras, promovidas por el periodista Audálio Dantas, especialmente en el primer libro mencionado, comparándolo con el segundo trabajo, en el que el autor gozó de mayor libertad editorial. Para lograr los objetivos trazados, se adoptaron como fundamentos teóricos los aportes de Bakhtin y su Círculo sobre los conceptos de géneros discursivos, estructura compositiva, contenido temático, estilo, enunciación, diálogo, habiéndose podido observar, con apoyo en dichos elementos, la contribución de Carolina. su escritura, su forma de expresarse, su mirada crítica, sus elecciones léxicas. En cuanto a los estudios de géneros discursivos, fue posible delimitar los elementos circunscritos al género cotidiano. Además, el objetivo era también esbozar las especificidades que hacían únicas las obras y su estilo, con una escritura crítica y ácida, denunciando los prejuicios raciales y sociales sufridos. El desarrollo de los objetivos propuestos presupuso la selección de extractos de ambas obras, incluyendo la aposición de facsímiles y el análisis comparativo entre extractos originales y publicados. Se constató así que a través de una escritura sencilla, pero con alto nivel de complejidad y espíritu crítico, además de las elecciones léxicas, la autora estableció su propio estilo de expresión. Primero, escribe sobre sí misma para ella misma (observando la obra *Quarto de Eviction*, concretamente los escritos del año 1955, época en la que la autora aún no había tenido contacto con el periodista) y, posteriormente, escribe sobre sí misma para el otro con la intención de publicar sus escritos y mostrar a todos la realidad de su vida, hallazgo que se puede comprobar en sus escritos en *Cuarto de Despejo* a partir de 1958, y en su obra *Casa de Alvenaria*. Se analizó así cómo se construyó la escritura de Carolina, primero con la influencia de Audálio, quien realizó injerencias editoriales, y, luego, con mayor libertad, utilizando una escritura pesada para hacer denuncia social. En el análisis se encontró heteroglosia, a la que se refieren Bajtin y el Círculo, que resalta la coexistencia de varias voces sociales en un discurso. Con la investigación esperamos haber contribuido a los estudios sobre géneros discursivos y estudios dialógicos, ya que buscamos comprender cómo la autora desarrolló el hablar de sí misma hacia sí misma y el hablar de sí misma hacia los demás.

Palabras clave: géneros discursivos; autoescritura; lenguaje íntimo; diario; estilo; enunciado; diálogo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do município de Sacramento	22
Figura 2	Dona Maria Leite	23
Figura 3	Colégio Allan Kardec	23
Figura 4	Carolina Maria de Jesus na favela do Canindé	24
Figura 5	Primeira reportagem publicada sobre Carolina Maria de Jesus (I)	25
Figura 6	Primeira reportagem publicada sobre Carolina Maria de Jesus (II)	26
Figura 7	Primeira reportagem publicada sobre Carolina Maria de Jesus (III)	26
Figura 8	Noite de autógrafos	27
Figura 9	Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas	30
Figura 10	Bilhete de Carolina Maria de Jesus para Audálio Dantas	31
Figura 11	Fac-símile do dia 05/12/1958	73
Figura 12	Fac-símile do manuscrito do dia 05/12/1958	73
Figura 13	Fac-símile do dia 08/12/1958	74
Figura 14	Fac-símile do manuscrito do dia 08/12/1958	74
Figura 15	Fac-símile do dia 11/12/1958	75
Figura 16	Fac-símile do manuscrito do dia 11/12/1958	76
Figura 17	Fac-símile do manuscrito do dia 18/12/1958	78
Figura 18	Fac-símile do dia 19/12/1958	79
Figura 19	Fac-símile do manuscrito do dia 19/12/1958	79
Figura 20	Fac-símile do manuscrito do dia 30/08/1960	87
Figura 21	Fac-símile do dia 30/08/1960	88
Figura 22	Fac-símile do manuscrito do dia 03/12/1960 (I)	89
Figura 23	Fac-símile do dia 03/12/1960 (I)	90
Figura 24	Fac-símile do manuscrito do dia 03/12/1960 (II)	91
Figura 25	Fac-símile do dia 03/12/1960 (II)	92
Figura 26	Fac-símile do manuscrito do dia 17/12/1960	93
Figura 27	Fac-símile do dia 17/12/1960	93
Figura 28	Fac-símile do manuscrito do dia 24/12/1960	95
Figura 29	Fac-símile do dia 24/12/1960	96
Figura 30	Fac-símile do dia 09/03/1961	97
Figura 31	Fac-símile do manuscrito do dia 09/03/1961	98
Figura 32	Fac-símile do dia 09/03/1961	99

Figura 33	Fac-símile do manuscrito do dia 07/04/1961	100
Figura 34	Fac-símile do dia 07/04/1961	101
Figura 35	Fac-símile do manuscrito do dia 06/05/1961	102
Figura 36	Fac-símile do dia 06/05/1961	103
Figura 37	Fac-símile do manuscrito do dia 06/05/1961	103
Figura 38	Fac-símile do dia 07/05/1961	104
Figura 39	Fac-símile do manuscrito do dia 21/05/19561	105
Figura 40	Fac-símile do dia 21/05/1961	105
Figura 41	Fac-símile do manuscrito do dia 21/05/1961	106
Figura 42	Fac-símile do dia 21/05/1961	107
Figura 43	Fac-símile do manuscrito do dia 19/11/1961	108
Figura 44	Fac-símile do dia 19/11/1961	109
Figura 45	Fac-símile do dia 20/09/1962	110
Figura 46	Fac-símile do manuscrito do dia 20/09/1962	111

Sumário

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2 - CAROLINA: UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO.....	21
2.1. Carolina Maria de Jesus: Vida e obra	21
2.2 Audálio Dantas: e o seu legado significativo no jornalismo brasileiro.	29
2.3 contexto histórico da publicação do livro quarto de despejo	32
CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
CAPÍTULO 4 - DIÁRIO ÍNTIMO	50
4.1 Diário: características e retrospectivas históricas.....	50
4.2. Biografia e autobiografia	51
4.3 O diário e os estudos literários.	54
CAPÍTULO 5 – ESCRITA DE SI.....	66
5.1 Quarto de despejo: diário de uma favelada	68
5.2 Casa de alvenaria – volume 1: OSASCO	84
5.3 Casa de alvenaria – volume 2: Santana	96
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

O interesse e a admiração pela autora Carolina Maria de Jesus e suas publicações, que mostram a vida, no Brasil, de uma mulher preta na favela e os preconceitos por si sofridos quando de sua ascensão social, motivam a elaboração deste estudo, o qual, assim, se volta à análise de obras da autora, e ao exame, especialmente, do “falar de si”, manifestado nas obras. Interesse semelhante, e, sobretudo, teórico, também se manifesta pelas obras do chamado Círculo¹ de Bakhtin, a nos levar à adoção da epistemologia dialógica para o tratamento desse discurso sobre si.

Carolina Maria de Jesus, nos seus cadernos escritos, que retratam a realidade do cotidiano da favela, tenta, através da escrita, ser a voz dos que não têm a palavra, fazendo denúncias sociais, apresentando a desigualdade e, principalmente, a fome vivenciada por uma parcela da sociedade paulistana. Migrante do interior de Minas Gerais, vê na cidade de São Paulo uma oportunidade de melhorar a vida, mas, quando chega, observa que tudo não passou de uma grande ilusão, e, no único lugar que a acolheu, tenta registrar, através da sua escrita simples, o seu dia a dia em meio às mazelas sociais.

O seu primeiro livro publicado, com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, é o resultado da seleção de alguns escritos, escolhidos pelo próprio jornalista, para compor a obra com a intenção de mostrar a todos a realidade da favela pela voz de uma mulher preta.

Das leituras da obra intimista de Carolina Maria de Jesus, e das leituras das obras do Círculo, surgiram as indagações de pesquisa deste trabalho, que objetiva analisar, nos cadernos de Carolina, como a autora fala de si, mostrando como se dá e se apresenta a construção do sujeito, por meio da linguagem intimista; e examinar a que linhagem dos gêneros do discurso se filiam esses enunciados, que são registros cotidianos da vida, na favela, de uma mulher preta, pobre, mãe solteira.

Dadas as especificidades de publicação da obra *Quarto de Despejo*, publicada pela primeira vez em 1960², com a intermediação do jornalista Audálio Dantas, bem como a

¹ O Círculo de Bakhtin, foi um grupo de intelectuais russos que se reuniram em torno das décadas de 1920 e 1930 para discutir questões relacionadas à linguagem. O círculo era liderado pelo pensador russo Mikhail Bakhtin; também faziam parte Valentin Nikoláievitch Volóshinov e Pavel Nikolaevich Medvedev. O principal objetivo do grupo era analisar a linguagem como um fenômeno social, destacando a importância do contexto social, histórico e cultural na interpretação de textos.

² O ano de 1960 foi o ano de publicação da obra *Quarto de despejo*, mas as edições escolhidas para a análise são: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020), e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (2021), ambos publicados pela editora Ática.

obra *Casa de Alvenaria*, buscar-se-á também compreender a relação dialógica estabelecida entre a voz de Carolina Maria de Jesus e a do jornalista. Com a análise discursiva, será investigado como a autora fala de si e de que modo o jornalista a considera, observando principalmente as marcas do gênero do discurso e da linguagem utilizada, que estão presentes nos enunciados dos cadernos escritos pela autora. A novidade é uma mulher preta e pobre falando de si e de seu cotidiano na favela; dessa forma, nossa preocupação maior é com a linguagem, melhor dizendo, em termos bakhtinianos, com o enunciado. Assim, como o jornalista vê e apresenta a obra de Carolina? Como é a obra de Carolina na perspectiva do jornalista?

Os estudos de Bakhtin, Volochínov e Medviédev, em que nos fundamentamos principalmente, têm como eixo a concepção dialógica da linguagem e os estudos sobre os gêneros. Sendo assim, essa concepção estará presente quando analisarmos os textos, para observar como se fala de si, o que se fala e como se fala, dando ênfase, principalmente ao “como”, que mais interessa a este trabalho, percebendo as marcas de gênero presentes e a constituição dessa linguagem diária, além da relação da obra com a voz jornalística.

Os conceitos de linguagem dialógica e gêneros do discurso sustentam o objetivo deste trabalho, que buscou compreender os elementos estáveis do enunciado componentes do gênero, realizando um estudo comparado adotando como base as obras teóricas do Círculo de Bakhtin, para estudo dos trechos dos livros *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado pela primeira vez em 1960, - cinco fac símiles do ano de 1958 -, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* – volume: Osasco, publicado pela primeira vez em 1961 –, quatro fac símiles do ano de 1960; e o volume 2: Santana – onze fac símiles que mostram os registros de 1960 e 1961, de Carolina Maria de Jesus.

A partir do destaque que os pensadores do Círculo dão à questão dos gêneros discursivos, objetiva-se verificar como a autora fala de si; as formas de discurso e suas relações comunicativas; as marcas de sentido da escrita em si; as relações dialógicas estabelecidas, para, ao final, mostrar como todos esses aspectos permitem apontar para um gênero do discurso, suas configurações e ressignificações na atualidade.

O ser humano, como agente social e transformador, é considerado, desde Aristóteles (2011), como um animal eminentemente social, isto é, que se desenvolve em sociedade. Nesse sentido, a socialização dos agentes perpassou, necessariamente, pelo desenvolvimento de mecanismos de comunicação, indissociáveis às inúmeras atividades humanas. Uma dessas formas primordiais, e de maior relevância, é a linguagem, podendo ela ser verbal (oral ou escrita) e não verbal.

O homem se comunica de diferentes formas nos diversos campos da atividade humana, através das variadas formas de manifestação da linguagem verbal e também da não verbal. Assim, a linguagem é inerente ao homem, sendo ela essencial para a comunicação e interação dos indivíduos em sociedade.

Em “Os gêneros do discurso. O problema e sua definição” (2020), Mikhail Bakhtin argumenta que os campos da atividade humana estão ligados/atrelados ao enunciado, ou seja, ao uso da linguagem. Trata-se de um estudo que, através de uma abordagem crítica, considera o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as diferentes esferas da atividade humana.

Para Bakhtin,

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2020 p. 261)

O filósofo entende que a língua, em sua integridade concreta e viva, são manifestações verbais enunciantes de posições semântico-axiológicas e impregnadas de relações dialógicas. Daí a importância da linguagem nos eventos da vida, em que se vislumbra a língua em sua integridade concreta e viva, ou seja, Bakhtin, em seus estudos e investigações, se ocupa das formas pelas quais a língua se manifesta, preocupando-se mais com a questão da língua em uso.

À linguagem podem ser atribuídos diferentes usos que estão relacionados às várias esferas da atividade humana, podendo se manifestar de diferentes formas, ou seja, todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem por meio dos enunciados, termo este cunhado para significar a manifestação concreta e viva da língua (ou, em sentido mais geral, da linguagem). Enfim, a utilização da língua (ou da linguagem) se concretiza em forma de um enunciado, considerado particular, individual e único. É, assim, que se reconhece também que cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de

enunciados, os quais se denominam gêneros do discurso e apresentam riquezas e diversidades infinitas.

Para compreender melhor o conceito de enunciado, pode-se relacioná-lo com o conceito de oração. Os limites desta, na medida em que é uma unidade da língua, não são definidos pelas mudanças dos sujeitos do discurso, mas por um significado estruturado sintaticamente. A oração depende das propriedades e da relação entre suas unidades, tem natureza gramatical, regras e normas gramaticais. A oração, quando correlacionada ao falante, a outros enunciados, ao contexto de sua produção, a circunstâncias de sua comunicação, já está sendo considerada como enunciado. Em meio a um conteúdo de enunciado pleno e acabado, ela assume propriedades estilísticas.

Por se tratar de uma abordagem dialógica, ainda a respeito da compreensão do conceito de enunciado, tem-se que todo entendimento da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza dinamicamente responsiva, toda compreensão é repleta de respostas. Nesse ponto, o ouvinte se torna ativo, falante. O corpo fala, ele tem uma atitude responsiva mesmo sem se utilizar da fala.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2020, p.275)

Desse modo, o falante tem a expectativa de uma resposta – e atua também em razão dela –, seja ela de concordância ou não, de participação ou objeção, etc. O enunciado se constitui como um elo para a organização de outros enunciados. Assim, não são produzidos enunciados fora das esferas da práxis humana, pois são determinados por condições e finalidades específicas de cada uma dessas esferas, podendo variar conforme o tempo, seja em razão de influências históricas, tecnológicas ou até sociais.

Ademais, também à linguagem dialógica é possível atribuir uma função mais íntima, privada, voltada ao próprio indivíduo enquanto construção e compreensão de sua própria significação, consubstanciando-se relatos de fatos cotidianos e até de sentimentos próprios do sujeito enunciator, que não são frutos de atos solitários, tanto porque há sempre

um interlocutor, mesmo que, fisicamente, ausente, quanto porque somos seres sociais e, portanto, somos heterogêneos, o outro é constitutivo de nossa identidade.

Ante a íntima relação entre a atividade humana e a enunciação da linguagem (seus diferentes usos, conforme as necessidades sociocognitivas), determinadas utilizações ou materializações dos usos sobressaem-se e adquirem relativa estabilidade, passando, então, a orientar e até balizar as esferas de atividade, como se houvesse uma retroalimentação entre a atividade e o uso da linguagem em si. Dessa estabilização decorre o fenômeno da constituição dos gêneros de discurso, cada um deles apresentando características que ora podem parecer estanques, ora ensejam interpenetração, assemelhando-se (FARACO, 2009, p.127).

Bakhtin (2015), ainda nesse domínio, ensina que:

(...) os gêneros do discurso organizam nosso discurso, quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas diferencia no processo de fala. (BAKHTIN, 2020, p.283).

Os gêneros organizam os discursos em diferentes situações de uso, diferenciando-se tanto das formas da língua, quanto das normas, sendo mais flexíveis e livres. Assim, os gêneros discursivos têm participação efetiva em todos os campos, dos mais diversos tipos, sempre em processo de modificação relacionado ao desenvolvimento social.

Bakhtin também faz uma reflexão a respeito da relação entre sociedade e contexto nos gêneros:

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares e, além disso, diversos graus de familiaridade e de formas íntimas (estas são diferentes dos familiares). Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, inclui em sua estrutura uma determinada entonação expressiva (BAKHTIN, 2020. p.283-284).

A partir dessa concepção de Bakhtin, pode-se observar que cada situação demanda certo tipo de gênero, apropriado e necessário para cada contexto em que estará inserido, sendo algumas formas mais familiares do que outras.

Os gêneros de discurso, assim, provêm da estabilização de enunciados. Todavia, para que isso ocorra, e surjam características peculiares, existem esferas de atividades humanas, as quais, inclusive, acabam por orientar as múltiplas finalidades atribuídas à linguagem. Tais

tipos de enunciado acabam por sofrer mudanças em razão de eventuais alterações delas, fato este, inclusive, que ocorre com as obras em estudo, as quais poderiam ser consideradas como diários.

A esse respeito:

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividade implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de atuação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividade. Só se age na interação, só se diz agir e a ação motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados”. (FIORIN, 2018, p.68).

Com a compreensão da relevância dos gêneros de discurso, verifica-se que eles podem assumir distintas funções conforme a utilização dada, inclusive em razão de elementos espaço-temporais, ou esferas da atividade. Outrossim, podem se aproximar de outros vinculados a suportes materiais diferentes. Foi em razão dessa constatação, bem como da importância dos relatos pessoais realizados em gêneros distintos, mais especificamente o diário, em contato com, no caso examinado, o universo jornalístico, que a proposta deste trabalho passou a ser delineada.

Conforme argumentado alhures, a utilização dada a determinado enunciado relativamente estável (gênero de discurso) acaba por possibilitar discussões, inclusive quanto a gêneros que, por vezes, surgem com uma natureza mais intimista e privada, ou particular.

Pois bem, da leitura da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2020), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (2021), de Carolina Maria de Jesus, bem como dos escritos do jornalista Audálio Dantas, em especial o prefácio da obra “Quarto de despejo”, apresentação da obra “Casa de Alvenaria” e a reportagem “Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou”, surgiram as indagações a que buscamos responder neste trabalho, em especial pela contemporaneidade das obras da autora e dos escritos do jornalista, e pelo fato de o *corpus* desta pesquisa ter se originado de um falar de si.

Primeiramente, analisaremos um falar de si para si e, posteriormente, o falar de si para os outros, tendo como base o registro do seu dia a dia, com diferentes formas de manifestação e diferentes usos da linguagem, mas com algo em comum, isto é, sua importância histórica, social e cultural. A sua atualidade é, portanto, o que, principalmente, justifica este estudo.

Não se pode ignorar, todavia, que a publicidade dos relatos diários da autora ocorre em momento bem posterior ao da escrita³, muito em razão não apenas da sua natureza particular, mas pelo suporte físico em que acaba por ser inserido: um livro.

Vale destacar, a respeito da construção de personagens e sua relação com o autor, o quanto ensina Bakhtin:

“Sem me desvincular da vida em que as personagens são os outros e o mundo é o seu ambiente, eu, narrador dessa vida, como que me identifico com as personagens dessa vida. Ao narrar sobre minha vida cujas personagens são os outros para mim, passo a passo eu me entrelaço em sua estrutura formal da vida (não o herói da minha vida, mas tomo parte nela), coloco-me na condição de personagem, abranjo a mim mesmo com minha narração; as formas de percepção axiológica dos outros se transferem para mim onde sou solidário com eles” (BAKHTIN, 2020 P.141)

A obra “Quarto de Despejo” consubstancia exemplo de diário, que após a sua publicização passa a ser tratado como espécie de romance⁴, notadamente o romance autobiográfico. Observa-se que a autora é projetada no texto, tanto como narradora, quanto como personagem, sujeito diretamente permeado pelas situações fáticas narradas ao longo do texto, imprimindo, nos relatos, perspectivas axiológicas próprias.

Bakhtin, em sua obra “Estética da Criação Verbal” (2020, p. 213-214), ao tratar do romance biográfico, elenca, dentre suas características ou peculiaridades, a perspectiva de que, apesar de haver uma representação da trajetória vital da personagem, “sua imagem carece de uma formação autêntica, de desenvolvimento: modifica-se, constrói-se, forma-se a vida da personagem, do seu destino, mas a própria personagem continua essencialmente inalterada”.

E mais, ensina o estudioso que “A concepção de vida (ideia de vida) que embasa o romance biográfico é determinado pelos seus resultados objetivos (obras, méritos, afazeres, façanhas) (...)”.

Percebe-se, da leitura não apenas da obra Quarto de Despejo, como também dos dois volumes de Casa de Alvenaria, tais perspectivas (atreladas às suas publicizações), visto

³ Inicialmente, parte do texto foi publicado pelo repórter do jornal Folha da Noite, Audálio Dantas, em 1958. Após, em 1959, a revista O Cruzeiro também promoveu a publicação parcial de trechos, sendo que o livro, em si, somente foi publicado em 1960, com edição do jornalista acima referido. Informações extraídas do sítio eletrônico “ebiografia”, in: FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**: Escritora Brasileira. Ebiografia. 2023. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20\(1914,destacadas%20escritoras%20negras%20do%20Pa%C3%ADs\).](https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20(1914,destacadas%20escritoras%20negras%20do%20Pa%C3%ADs).>)>. Acesso em 10 de maio 2023.

⁴ Após Audálio Dantas separar os trechos que julgava mais importante e relevantes para a publicação, deixou de ser uma escrita de si para si, para ser uma escrita de si para o outro. Os registros não foram escritos para o outro, possíveis leitores, pois gozavam de uma função mais intimista do escrever de si para si. A partir do momento que ele é organizado para a publicação, com a intenção de mostrar esses relatos para o outro, ele deixa de ser um falar para si para ser um falar de si para o outro.

que mesmo a autora tendo ascendido socialmente, como se verá ao longo da análise realizada neste trabalho, sua imagem (aqui entendida como autoimagem atrelada à personalidade, e não propriamente a imagem física) resta inalterada, de forma que ela mantém sua visão crítica a acontecimentos sociais e políticos, noticiando, inclusive, os preconceitos que sofrera tanto na favela quanto nas classes sociais média e alta.

Tendo como *corpus* os registros diários de Carolina Maria de Jesus em diferentes momentos de sua vida e em diferentes obras, observa-se que acabam por ir além de um simples registro cotidiano. Com uma linguagem simples, sem muito estudo formal, escreve, como ela própria declara, para sair da sua realidade dura e difícil, escreve para mostrar a um possível leitor como é viver na favela, quem são as pessoas que lá residem, o que fazem com ela e seus filhos e a pobreza e a desigualdade que enfrenta.

Na obra de Carolina, observa-se nitidamente esse organizar da narração, que segue bem o padrão do diário. Pode-se depreender dela, uma mensagem sobre a “sobrevivência”. Desde a sua infância, sobrevive – questão que será melhor delineada em capítulo seguinte –, sai de uma cidade do interior mineiro em busca de uma vida melhor, para sobreviver. Considera o passado e tenta transformar a escrita no seu presente, para que no futuro possa fazer a diferença na vida de alguém. Assim, o diário é uma leitura *a posteriori*, para se consultar o passado e mudar o presente.

Audálio Dantas, que foi peça fundamental para que os cadernos escritos de Carolina fossem publicados, era o jornalista designado para ir até a favela do Canindé e fazer uma reportagem sobre o local, quando viu uma mulher sentada em frente ao seu “barraco”, escrevendo em um caderno. Aquela cena o intrigou, e, assim, foi até lá conversar, ficou curioso sobre o que ela escrevia. Após ter contato com os cadernos e ver a preciosidade que estava à sua frente, conversou com Carolina sobre a importância de continuar escrevendo e de publicar aqueles relatos diários, pois a sociedade precisava ter um testemunho vivo de como era viver na favela, como era a desigualdade e a pobreza.

No prefácio da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, com o título “A atualidade do mundo de Carolina”, o jornalista afirma que:

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de *dentro* da favela. Da reportagem – reprodução de trechos do diário – publicada na Folha da Noite, em 1958, e mais tarde (1959) na revista O Cruzeiro, chegou-se ao livro, em 1960. Fui o responsável pelo que se chama edição de texto. Li todos aqueles vinte cadernos que continham o dia a dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem.

A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados trechos mais significativos (DANTAS, 2019 p. 6).

O jornalista, ao fazer cortes e selecionar trechos dos cadernos manuscritos da Carolina, é acusado por estudiosos da obra da autora, de querer “higienizar” o texto, tentando fazer uma limpeza, alterando-o para que, por exemplo, ficasse adequado à norma culta da língua portuguesa⁵.

Assim, a construção deste trabalho empreende o exame das obras do Círculo, buscando recuperar, principalmente, os conceitos de gêneros do discurso, relações dialógicas e escritas de si; dedica-se também ao estudo de contribuições de estudiosos do Círculo, e de alguns de seus estudiosos, entre eles, Fiorin (2018), Faraco (2009), Machado (2008), Marchezan (2006), Brait (2005).

Destarte, o *corpus* de análise do trabalho integra as obras Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada (1961) e Diário de Bitita (1977), de Carolina Maria de Jesus, bem como escritos do jornalista Audálio Dantas – prefácio da obra “Quarto de despejo”, apresentação da obra “Casa de Alvenaria” e a reportagem “Diário de uma favelada: a reportagem que não terminou”, como destacado alhures.

Visando ao desenvolvimento deste estudo, diante dos objetivos traçados, e adotando o que é inerente à análise comparativa discursiva entre as obras e escritos supramencionados, têm se analisado, em primeiro lugar, os critérios gerais de definição de um gênero discursivo, destacando a utilização da linguagem (entendida numa acepção ampla), enquanto instrumento comunicativo indispensável às atividades humanas. Para tanto, mostra-se indispensável compreender elementos integrantes dos gêneros, de natureza geral.

Inicialmente, procedemos com a revisão da literatura, enfocando especialmente as pesquisas relevantes relacionadas à compreensão do Círculo de Bakhtin, com ênfase nos trabalhos de Faraco (2009), Fiorin (2018), Brait (2005), assim como nas contribuições de Medviédev (2012.) e Volóchinov (2017).

Ademais, tem-se buscado compreender, historicamente, o gênero diário, componente do objeto do estudo, e a linguagem jornalística, com acento à sua utilização e finalidades, sobretudo sob o aspecto do enunciado, gênero e relações dialógicas.

Realizado o exame histórico, o passo seguinte recai na definição das obras referenciais à comparação proposta. Dessa forma, tem-se revelado indispensável apresentar as

⁵ Cita-se, por exemplo: PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

obras objeto da pesquisa, contextualizando-as e determinando as condições que ensejam a sua categorização em um gênero, com enfoque primordial sobre a observância das suas características em comparação dialógica do falar de si da autora e do falar da autora pelo jornalista, promovendo-se o enfoque sobre a utilidade e exteriorização do gênero, bem como sobre a identificação e a construção do diálogo entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas.

Por intermédio do levantamento bibliográfico, apresentando-se as características supramencionadas, busca-se, em juízo empírico e por método científico dedutivo e, principalmente, comparativo e dialógico, verificar e analisar se há pontos de aproximação entre as obras e a escrita do jornalista, em especial sobre aspectos atinentes aos usos habituais, às atividades humanas atreladas, aos aspectos sociais e culturais, observando, ademais, o impacto do falar de si e a recepção da obra pelos leitores, na construção da linguagem e do discurso, além da fonte ou substrato material que os carrega.

Relativamente à estrutura organizacional do presente trabalho, sobretudo considerando o que já restara elaborado, tendo em vista a fase de qualificação da Dissertação, passa-se a elencar, sumariamente, quais são e de que tratam seus capítulos.

O Capítulo 2, intitulado “Carolina: uma mulher à frente de seu tempo”, traz, em seu bojo, uma breve biografia da autora, delineando, desde sua origem, dificuldades vividas, mudança para São Paulo, fixação de moradia na Favela do Canindé, perpassando, ademais, pelo lançamento da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, além de produções literárias outras.

O Capítulo 3, “Fundamentação teórica”, por sua vez, trata da fundamentação teórica indispensável ao desenvolvimento deste trabalho, abrangendo, sobretudo, estudos de Bakhtin e do Círculo. A fundamentação teórica, ao viabilizar a compreensão dos diferentes conceitos que permeiam as obras, confere subsídios para o adequado desenvolvimento deste trabalho, haja vista, por exemplo, reforçar a compreensão acerca dos elementos que, conjugados, possibilitam o reconhecimento de um gênero discursivo.

Em continuidade, o Capítulo 4, intitulado “Diário Íntimo”, congrega, em seu conteúdo, a caracterização do gênero diarístico; em outros termos, em tal capítulo há a avaliação das características do gênero diário, rememorando, aliás, os elementos que, em seu conjunto, possibilitam aferir sua existência.

Por fim, considerando, vale reiterar, as partes já elaboradas do trabalho, o Capítulo 5, “Escrita de si”, traz a análise do “falar de si” da autora, as características presentes nesse ato, que levam à compreensão das obras enquanto integrantes do gênero diarístico, e, em seguida, congrega a análise da segunda parte dos objetivos, ou seja, busca compreender como

se dá a relação entre a voz de Carolina Maria de Jesus e a voz do jornalista Audálio Dantas, avaliando o diálogo estabelecido entre elas.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as obras “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” e “*Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*”, observando como a autora, Carolina Maria de Jesus, fala de si, mostrando, então, como foi construído esse falar de si, ou seja, como essa escrita foi delineada e como se apresentam as marcas do gênero que a constituem, decorrentes da linguagem intimista diarística, bem como a sua relação com o outro, pois a autora fala de si a partir do outro.

As duas obras trazem uma construção composicional própria do diário: a frequência do narrar, com a disposição de datas; a projeção, quase direta, do eu que escreve em seus registros, de sua rotina, do lugar em que vive; a adoção do discurso em primeira pessoa. Carolina faz o uso do discurso direto para representar a fala das vozes com quem ela convivia. Juntamente com essa construção, o conteúdo da escrita da autora se compõe, ainda, pelos fatos cotidianos, bem como acontecimentos presenciados inicialmente na favela do Canindé, e posteriormente na cidade de Osasco e São Paulo, evidenciando dificuldades enfrentadas principalmente em relação ao preconceito. Um cotidiano de busca por sobrevivência que, embora necessária, não basta para o eu, pois quer dar mais aos filhos, quer vesti-los, quer educá-los. Escrita de si, com estilo de escrita expressivo, que brota também por necessidade que sente esse eu, que preza o conhecimento, a leitura, a escola. É nesse ambiente de dificuldades, primeiramente no cenário de favela, que se constitui o estilo e compõe os enunciados da autora: um linguajar cotidiano, para retratar a rotina de forma diferenciada e única, contando/narrando nos mínimos detalhes tudo que acontecia, mostrando como as pessoas a tratavam e fazendo denúncias sobre a desigualdade, a pobreza e a fome. Tudo isso compôs uma verdadeira novidade literária ao tempo de sua composição e publicação.

Propusemo-nos analisar o discurso de Carolina Maria de Jesus, nas obras “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*” e “*Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*”, mostrando como esse discurso da autora é constituído, ela escreve sobre si sempre olhando para o outro. Através das escolhas lexicais que ela faz como o uso de vocábulos como “*mediocre*”, “*faustosos*”, “*xingamentos*”, verifica-se que a autora coloca, através desses termos, um tom expressivo, ela acha que é uma sociedade falsa e muito preconceituosa, em que o político não olha para o pobre.

Verificamos também como é construído esse gênero que apresenta a rotina de um eu, projeção direta da autora, pois através do seu estilo expressivo de escrita, fazendo escolhas vocabulares e tendo noções de construções sintáticas, fala de seu cotidiano como se

estivesse contando o seu dia a dia, ou seja, é a fala do cotidiano dela. Observamos, ainda, as marcas da voz do jornalista Audálio Dantas no enunciado de Carolina, mostrando como era a relação de ambos e quais foram as modificações feitas no texto da autora.

Essas interferências realizadas pelo editor, Audálio Dantas, mostram que ele fez uma seleção de alguns registros, dentre os vários cadernos escritos por Carolina, com a intenção de mostrar ao leitor os acontecimentos da favela; as modificações feitas quanto à ortografia da autora foram mínimas, porém ele queria, através de da escrita, mostrar e representar essa mulher preta pobre e catadora de material reciclável. Referidas interferências, dessa forma, revelam as marcas dessa relação dialógica, da introdução de um outro – tanto Dantas, quanto os leitores, após a publicação dos registros – na escuta do enunciado.

No segundo capítulo, procedemos a uma contextualização da vida de Carolina Maria de Jesus, especificando a sua trajetória, desde o seu nascimento; as cidades nas quais viveu, mesmo que por pouco tempo; a época em que chegou a São Paulo para residir na favela do Canindé, e seu primeiro contato com o jornalista Audálio Dantas; até a publicação dos livros.

Ainda no referido capítulo, apresentamos a figura de Audálio Dantas, sua vida, sua importância para o jornalismo brasileiro. Buscamos recuperar a visita que fez à favela supracitada com a finalidade de realizar uma reportagem, quando se deparou com Carolina, sentada em frente a seu barraco, se manifestando, inconformada, a respeito de uma situação que presenciava; e avisando que tudo aquilo seria registrado na sua escrita, a fim de que um dia o mundo pudesse saber quem eram as pessoas residentes na favela.

Também naquele capítulo, elaboramos um levantamento do contexto histórico da publicação do livro “*Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, pois o momento histórico acabou por determinar o sucesso de vendas da obra, visto que não obstante as críticas sociais tecidas pela autora, denúncias sobre a fome e a pobreza, a obra evidenciava, sobretudo, estilo de escrita que despertava a curiosidade das pessoas, principalmente dos grupos sociais que duvidavam da capacidade de escrever de uma mulher preta. Apresentamos como todo discurso dialoga com o contexto histórico, e verificamos a presença de vozes sociais e da ideologia da autora, evidenciando que ela não era qualquer uma e sim uma escritora.

No terceiro capítulo, discorremos a respeito dos estudos e reflexões de Bakhtin e do Círculo, que embasaram a pesquisa; apresentamos os conceitos de gêneros do discurso, para caracterizar a qual gênero pertence o texto de Carolina; estrutura composicional, demonstrando como é a estrutura desse texto; conteúdo temático, apresentando inicialmente os acontecimentos da favela e, posteriormente, os acontecimentos em relação a ela em Osasco e São Paulo; estilo de escrita único e expressivo que apresenta em seu discurso as valorações, as

axiologias e ideologias, enunciado e diálogo, pois, a partir desses conceitos, foi possível observar detalhadamente a escrita de Carolina, a sua forma de se expressar, seu olhar crítico, suas escolhas lexicais diferenciadas. Discorremos, enfim, sobre a teoria dialógica, que engloba esses conceitos. Referida teoria subsidiou toda a análise apresentada nos capítulos seguintes, o terceiro e o quarto, que buscaram, respectivamente, examinar a constituição do gênero diarístico nas obras analisadas, aprofundando, ademais, a questão de como é construído seu discurso, o falar de si, falar de si esse que sempre olha para o outro.

Assim, no quarto capítulo, dedicamo-nos ao estudo das características do gênero diário, apresentando os estudos de Bakhtin sobre autobiografia e biografia e mostrando que, para ele, as diferenças entre elas podem ser grandes. Ademais, ainda no contexto dos estudos referidos, o autor avalia a noção de consciência biográfica, construindo a ideia de que quando o sujeito fala de si mesmo, pode fazê-lo não apenas numa relação de “si para si”, isto é, escrevendo apenas para si enquanto destinatário, mas também numa perspectiva “de si para o outro”, a fim de que outrem venham a conhecer o conteúdo da autobiografia.

No domínio dessa consciência biográfica, na abordagem histórica que faz, Bakhtin teorizou, ainda, sobre a figura do herói. O estudioso, conforme destacado no Capítulo 4 deste trabalho, acredita que o herói autêntico é aquele que está em constante diálogo com seu contexto social e histórico, sendo moldado pelas influências e relações com outros personagens, além de refletir as tensões e contradições presentes na sociedade.

Tais perspectivas se revelam presentes nas obras de Carolina, que, como exposto ao longo deste trabalho, realiza, em diversos momentos de sua escrita, denúncias sociais, críticas políticas, salientando, ademais, que mesmo após deixar Canindé e ascender socialmente, o estigma e preconceito permaneceram. Carolina fala de uma sociedade desigual e cheia de injustiças, em que o político não está preocupado com o pobre; mostra ainda, em vários momentos de seu discurso, as vozes sociais que denunciam os acontecimentos da favela, revelando o seu cotidiano. Verificamos, também, a importância desse cotidiano, característica essencial para classificar o texto da autora no gênero diário.

Como visto, não há incompatibilidade entre a ideia acima, relativa à figura do herói, e a aproximação da publicização dos diários com o gênero romance, em especial o romance autobiográfico.

Mesmo havendo a mudança dos lugares em que Carolina residiu, das mudanças de classes sociais, da realidade socioeconômica, a autora manteve seu senso crítico, sua visão acerca da realidade, suas análises quanto à realidade política e ao preconceito racial e social. Portanto, a substância de seus relatos subsistiu, modificando-se apenas os cenários e os

diálogos, sem, porém, anular, suprimir ou mitigar as críticas e denúncias que, desde a favela, permeavam os enunciados materializados em seus textos.

Em ambas as obras, a autora tenta apresentar ao outro sua percepção acerca da vida na favela, é uma escrita sobre si, mas olhando para o outro na construção de seu discurso. Posteriormente, em sua escrita, incrementa e evidencia as questões sociais, e os aspectos culturais prevaletentes na descrição sobre a sua vida, sobre seu cotidiano.

Discutimos, também, ainda nesse mesmo capítulo, sobre um ponto objeto de reflexão por Bakhtin: a escrita biográfica e a escrita autobiográfica podem apresentar grandes diferenças, porém estas não ocorrem no plano da diretriz axiológico, pois em ambas o “eu para si” – essa relação consigo mesmo-, não é um elemento organizador.

Através dos registros de Carolina e da análise dos valores culturais e históricos presentes em seus relatos cotidianos, torna-se claro que a ideia estudada em Bakhtin, de que a humanidade viva prevalece sobre o herói, se confirma, uma vez que seus escritos representam uma vida em constante evolução e construção.

Os relatos sobre o cotidiano da autora, manifestados nas obras analisadas, conglobam justamente essa escrita de uma vida em processo. Em “Quarto de Despejo”, sua análise recaía sobretudo no cotidiano vivenciado na favela, realidade na qual se encontrava inserida quando da elaboração do diário; em “Casa de Alvenaria”, por sua vez, os cenários atinentes ao cotidiano da autora passam a ser permeados por seu círculo social referente à classe média paulistana, revelando, porém, o sentimento de exclusão, que sofria, decorrente de preconceitos raciais.

Ou seja: mudam-se os cenários, mas o pensamento crítico da escritora permanece, evidenciando, ademais, que o mesmo sentimento de segregação, então vivido em razão de sua invisibilidade social na favela, continuava também após a sua ascensão social.

Concluimos o capítulo com o pensamento de Bakhtin problematizando o papel do leitor, quem tem um papel fundamental na vida de uma obra. Quando o leitor se predispõe a participar de uma troca com a personagem biográfica, passa a ocupar a posição de coautor, pois também passa a participar da construção da personagem com suas interpretações.

O quinto capítulo apresenta a análise das obras Quarto de despejo: diário de uma favelada (*fac-símiles* de 5/12, 8/12, 11/12, 18/12 e 19/12, todos referentes ao ano de 1958) e Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada (*fac-símiles* de 30/08, 3/12, 17/12, e 24/12, referentes ao ano de 1960; os de 9/3, 7/4, 6/5, 7/5, 21/5 e 19/11, referentes ao ano de 1961, e o de 20/9/1962). Analisamos e verificamos, nos trechos selecionados, como a autora constrói, primeiramente, um narrar sobre si para si e, posteriormente, um narrar sobre si para o outro,

evidenciando essa escrita, através das escolhas lexicais, mostrando as suas valorações as axiologias e as ideologias que a representavam. No momento em que assume o propósito de continuar publicando seus registros diários, encontramos mudanças em sua escrita, uma escrita ainda mais crítica sobre a sociedade.

Por meio dos estudos realizados acerca de enunciado e gêneros discursivos, observamos formas específicas de expressão discursiva, que refletem a interação social e cultural entre sujeitos. Em uma escrita única e marcante, a autora faz escolhas lexicais que fogem do vocabulário rotineiro, e faz questão de inseri-las; são palavras que acha bonitas e fazem parte do vocabulário aprendido em suas leituras de livros encontrados no lixo.

Através de uma escrita simples, mas com um bom conhecimento da língua portuguesa e suas construções sintáticas, somando-se às escolhas lexicais, instituiu um estilo próprio de expressão. Primeiramente, a autora escreve sobre si para si (observando a obra Quarto de despejo, especificamente os escritos do ano de 1955, momento em que a autora ainda não tinha contato com o jornalista Audálio Dantas) e, em sequência, escreve de si para o outro já com a intenção de publicar seus escritos e mostrar a todos a realidade de vida na favela e como as pessoas a tratavam, constatação que se denota da obra Quarto de despejo a partir do ano de 1958 e da obra Casa de alvenaria.

Fica evidente, em sua escrita, a partir, sobretudo, dos períodos mencionados, a intenção de se direcionar ao outro, de mostrar o que acontecia naquele espaço e com aquelas pessoas que viviam à margem da sociedade, e que, mesmo após alcançarem uma melhor condição social, a sociedade persiste em julgá-las de maneira semelhante, estigmatizando-as devido às suas origens.

Ao longo do capítulo em questão, examinamos também como foi se construindo a escrita da autora, primeiro com a influência de Audálio, que a direcionava no que deveria escrever, e que também realizava interferências editoriais, e, posteriormente, com uma liberdade maior, usando uma escrita com uma escolha vocabular específica para fazer as denúncias sociais. Depreendemos, nas obras, a heteroglossia, referida por Bakhtin e o Círculo em seus estudos, que evidencia a coexistência de diferentes vozes sociais no discurso de Carolina.

Na primeira obra, Quarto de despejo, comparando o texto publicado com o manuscrito da autora, observou-se a ocorrência de supressão de termos e também algumas correções gramaticais, correções essas que não ocorreram em todo o texto, e, sim, somente em algumas partes, não influenciando no sentido do discurso que era apresentado. Já na segunda obra, Casa de Alvenaria, isso praticamente não acontece, a escrita é preservada, mesmo com os

desvios em relação às normas cultas, a demonstrar que a autora possuía noções gramaticais para realização de construções sintáticas, e o único elemento editorial que se apresenta são os recortes feitos de algumas partes, pois havia relatos longos, e, para a versão publicada, foi escolhido somente o que se considerou mais relevante dos acontecimentos.

Ademais, em *Quarto de despejo*, na versão editada por Dantas, é apresentada, principalmente, a figura da mulher preta, mãe solteira que morava na favela e escrevia. O jornalista queria passar essa imagem de Carolina, todavia, quando ela muda da favela, essa figura vai se desconstruindo, pois ela não somente deixa referido local como também almeja mudar de vida, e o jornalista não vê isso, sob o viés literário, com bons olhos, de forma que acaba se distanciando aos poucos (o que é passível de ser aferido em *Casa de Alvenaria*, já que ele nem mesmo acompanha a mudança da autora para Osasco).

A partir dessas discussões, desenvolvemos a análise de dezesseis fac-símiles dos relatos diários de Carolina Maria de Jesus, correspondentes a período que abrange de 1958 até 1962, relatos esses organizados no formato/estrutura do gênero diário e presentes nas obras *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, que foram selecionados de acordo com os manuscritos da autora publicados nas últimas edições, no caso de *Quarto de despejo: diário de uma ex-favelada*, extraídos da edição comemorativa de 2020, da editora Ática; e em *Casa de Alvenaria*, provenientes da edição de 2021, da editora Companhia das Letras, que é dividida em dois volumes, sendo o primeiro sobre a estadia da autora na cidade de Osasco e o segundo sobre a sua estadia no bairro de Santana, na cidade de São Paulo.

É importante ressaltar que a realidade e os problemas apresentados pela autora nas duas obras são os mesmos, o que muda são os lugares: o primeiro corresponde à favela, e o segundo, à cidade, e um bairro de classe média, mas, independentemente disso, o preconceito persistia.

Essa constatação é reiterada ao longo dos enunciados materializados nas obras da autora, que trazem o seu olhar crítico e de denúncias sociais, explicitando nitidamente a desigualdade existente em nosso país, e que, quando publicados, em período próximo ao início da Ditadura Militar, contemporâneo, ademais, aos regimes totalitários espalhados pelo mundo (por exemplo, o regime Salazarista, em Portugal), reforçavam a exposição da situação fática vivenciada por considerável parcela da população, relegada à invisibilidade social.

Dessa forma, destacamos a relevância da pesquisa para os estudos acerca dos gêneros discursivos e dos estudos dialógicos, uma vez que buscamos compreender como a autora desenvolveu esse falar de si para si e falar de si para o outro. Carolina vai construindo esse falar de si de acordo com os acontecimentos vivenciados por ela em seu cotidiano, ela

constrói um estilo de escrita único e expressivo, sendo cuidadosa nas escolhas axiológicas que faz para apresentar ao seu leitor e, utiliza termos como “mediocre”, “faustosos”, “falastrões” e xingamentos, para mostrar a sua ideologia e fazer as denúncias sociais. Tendo uma escrita direcionada, por meio da qual mostra seu cotidiano para seu possível leitor, aspecto este reforçado a partir de 1958, em razão de seu contato com Audálio Dantas, mas que subsistiu quando da elaboração dos relatos de “Casa de Alvenaria”, e, neste caso, com maior assunção da escritora sobre os aspectos editoriais da obra.

Além disso, verificamos o que foi preservado dos manuscritos para a versão editada e publicada, as interferências realizadas pelo jornalista encontrando modificações mínimas no discurso da autora, e preservando ao máximo o estilo de escrita e suas escolhas lexicais, para mostrar ao leitor que mesmo tendo somente o estudo primário, Carolina consegue escrever e expressar o seu olhar diante do mundo, se posicionando politicamente e fazendo denúncias para enfatizar ainda mais seus valores e ideologia no qual acreditava.

A autora mostrava, através das escolhas lexicais que fazia, denúncias sobre os acontecimentos da favela e também no cenário político do país, utilizando termos específicos.

Desta forma, conseguimos demonstrar, ao longo deste trabalho, o que propomos nos objetivos da pesquisa. Carolina Maria de Jesus revela, aos poucos, o seu cotidiano, com informações que vão caracterizando o seu texto no gênero diarístico, e, através de seu contato com o jornalista e com outras pessoas que aparecem no decorrer do texto, evidencia como é esse falar de si para o outro, que é constituído de um falar sobre si, mas que está relacionado ao outro, ou seja, ela fala sobre os acontecimentos de sua vida sempre olhando para o outro com a intenção de mostrar o que não concorda, de falar como as pessoas a tratavam e denunciar o que via de errado principalmente no âmbito político, de acordo com seus valores e suas ideologias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A reportagem que revelou Carolina Maria de Jesus ao Brasil. Mdfranceschi. Dez. 2017. Disponível em: <[A reportagem que revelou Carolina Maria de Jesus ao Brasil | Mdfranceschi \(wordpress.com\)](#)>. Acesso em 22 fev. 2023.

ARISTÓTELES. **A Política.** Tradução de Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A autobiografia e a biografia.** In: Estética da criação verbal. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

_____. **O autor e a personagem na atividade estética.** In: Estética da criação verbal. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

_____. **Os gêneros do discurso.** In: Estética da criação verbal. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade:** em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____ (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação.** In: _____(Org.).Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-77.

CANDIDO, Antonio. **Poesia e ficção na autobiografia.** In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987, p. 51-69.

CABRAL, Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1962.

DANTAS, Audálio. **Diário de uma favelada:** a reportagem que não terminou. In: DANTAS, Audálio (Orgs.). Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. São Paulo: Leya, 2012.

_____. O Drama da Favela escrito por uma favelada. **Folha da Noite,** São Paulo, edição 9 de maio de 1958.

_____. **Tempo de reportagem:** histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. São Paulo: Leya, 2012.

FARACO, Carlos A. **Linguagem e diálogo:** as ideias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristóvão. CASTRO, Gilberto de. (Orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIAS, Tom. **Carolina**: Uma biografia. Rio de Janeiro: Malês, 2017.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-192.

_____. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**: Escritora Brasileira. Ebiografia. 2023. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20\(1914,destacadas%20escritoras%20negras%20do%20Pa%C3%ADs.>](https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/#:~:text=Carolina%20Maria%20de%20Jesus%20(1914,destacadas%20escritoras%20negras%20do%20Pa%C3%ADs.>)>. Acesso em 10 de maio 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**: diário de ex-favelada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

_____. **Casa de Alvenaria**: diário de ex-favelada. Vol. 1: Osasco. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Casa de Alvenaria**: diário de ex-favelada. Vol. 2: Santana. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2021.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria G. Noronha. Trad. Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOVATO, Amilton. **Adhemar**: fé em Deus e pé na tábu. 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

MACHADO, Irene. **Bakhtin** Conceitos-Chave. Beth Brait (Org). In: _____. **Gêneros discursivos**. 4. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARCHEZAN, Renata Coelho. **Diálogo**. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATHIAS, Marcello Duarte. **Autobiografias e Diários**. In: **Sobre Diários**, jun. 1995, p. 41-59.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, Wander Melo. **A ilusão autobiográfica**. In: ——. *Corpos escritos*. São Paulo: Editora Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p. 25-41.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2002.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. (Tradução Marcos Marcionilo) Editora Parábola. 2018.

VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkovo Americo. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Palavra na vida e a palavra na poesia**. Introdução ao problema da poética sociológica. [1926]. IN: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Org., trad. e notas João Wanderley Geraldi; ed. e supervisão da trad. Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.